

# O SUJEITO E A CORAGEM DA VERDADE: UMA ANÁLISE DO ÚLTIMO FOUCAULT

THE SUBJECT OF TRUTH AND COURAGE: AN ANALYSIS OF THE LAST FOUCAULT

**Michael Douglas de Almeida Nunes**

Licenciado em Filosofia e Mestre em Filosofia (UFP).

E-mail: micdouglas@gmail.com

**Iraquitán de Oliveira Caminha**

Doutor em filosofia pela Université Catholique de Louvain,  
professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFP).

E-mail: caminhairaquitán@gmail.com.br

**Resumo:** Neste artigo procuramos fazer uma análise daquilo que se acredita ser o cerne do pensamento filosófico de Michel Foucault: a relação existente entre o sujeito e a verdade que o constitui como sujeito moral. Perpassando a antiguidade grega junto com Foucault, encontramos as práticas e técnicas de cuidar de si que determinam a profunda relação entre a verdade e o sujeito que se busca elucidar. Ademais, na explicitação de uma historiografia do conceito do cuidado de si e da parrhesia, Foucault revela que uma verdade única e universal para o sujeito é impossível. O que é imprescindível para a constituição do sujeito moral e político são verdades que revelam uma subjetividade histórica na filosofia foucaultiana.

**Palavras-chave:** Foucault, sujeito, verdade, cuidado de si, parrhesia

**Abstract:** In this article we tried to make an analysis of what is believed to be the core of philosophical thought of Michel Foucault: The relation existing between the subject and the truth that constitutes him as a moral subject. Traversing the Greek antiquity along with Foucault, we found the practices and techniques of self care that determinate a deep relation between the truth and the subject who pursues clarification. Furthermore, at the historiographical explanation for the concept of self care and of parrhesia, Foucault reveals that a unique and universal truth for the subject is impossible. What is essential for the constitution of the political and moral subject are truths that reveals a historical subjectivity in Foucault's philosophy.

**Key words:** Foucault, subject, truth, self care, parrhesia.

## Introdução

A *parresia* é, portanto, em duas palavras a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a respeito de tudo toda verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve (FOUCAULT, 2011, p.13).

Ao fazer um estudo dos séculos I e II, no que diz respeito ao preceito *epimeleiaheautou*, Foucault deixa claro que o cuidado de si sempre esteve ligado às práticas de organizações, de confraria, grupos, e outros<sup>1</sup>. Nesse sentido, o cuidado de si é um princípio ordenador de grande parte de movimentos e filosofias desenvolvidas no período da Grécia clássica.

O princípio de cuidar de si, inicialmente, se mostrava sectário, uma vez que era voltado aos de classes privilegiadas. Todavia, por meio da historiografia, é possível mostrar que este princípio não se exauria ou se fixava em classe alguma, fosse ela mais rica, ou mais privilegiada que outras. O cuidado de si se viu imerso em toda a configuração da comunidade humana desde o período supracitado.

Foucault ratifica um cuidado de si que são práticas, exercícios e técnicas sobre o *si*, o que impossibilitava este *si*, ser a alma como afirmava Sócrates. Tal constatação já se encontra no *Laques* (1991), de Platão, que atribui a categoria da vida, do *bios*, a este *si*. Parece inconcebível atribuir a este eu, um estatuto existencial, apenas metafísico e segundo essa lógica, de um *si* como *bios*, Foucault pensará um estatuto para o sujeito do cuidado.

Ele chama a atenção para a existência concreta do sujeito que é construção cotidiana e que se encontra sempre atrelado às realidades éticas e políticas. Este *si* é dimensão dual, corpo e alma, concomitantemente. É preciso pensar um sujeito que cuidando de si mesmo, por meio de práticas cotidianas e de exercícios, alcança o outro, que se deixa alcançar pelo mesmo cuidado consigo em meio uma estética da existência.

Consequentemente, não é para um saber que substituirá sua ignorância que o sujeito deve tender. O indivíduo deve tender para um status de sujeito que ele jamais conheceu em momento algum de sua existência. Há que substituir o não-sujeito pelo status de sujeito, definido pela plenitude da relação de si para consigo. Há que constituir-se sujeito e é nisso que o outro deve intervir (FOUCAULT, 2004, p. 160).

A partir deste esclarecimento de que o cuidado de si transborda e encontra sua significação no cuidado dos outros e ainda que isso pressuponha uma existência moldável, trabalhável e que está sempre em construção, Foucault trará à luz alguns conceitos usados na Grécia Clássica que atestaram uma série de práticas de cuidar si, modos verdadeiros de ser para o sujeito.

---

1 Entre as técnicas do cuidado de si encontramos: os ritos de purificação, as técnicas de concentração da alma, as técnicas de retiro (anachóresis), os exercícios de resistência. Este conjunto de práticas já existia na civilização grega arcaica e foi integrado nos movimentos religiosos, espirituais e filosóficos, em especial no Pitagorismo (CASTRO, 2009, p. 92).

Para tratar desta questão se mostra mister apresentar dois conceitos antigos que elucidam a reflexão sobre possibilidades de verdades para o sujeito em Foucault. A saber, estes dois conceitos são a *áskesis* e a *parresia*, que elucidam o que se quer atestar como a *coragem da verdade*.

## O Sujeito que Diz a Verdade de Si

A *áskesis*<sup>2</sup> se encontra na cultura helenística e nos romanos clássicos, como um imperativo que tem por finalidade a constituição da relação do si consigo mesmo, de forma plena e independente, que tem por sua vez o objetivo de produzir uma preparação, como que um treinamento que os gregos chamaram de *paraskeuê*. “Nenhuma técnica, nenhuma habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício, não se pode mais aprender a arte de viver, a *technêtoubiou*, sem uma *áskesis* que deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 146).

Assegurará Foucault que essa *paraskeuê* é a forma que os discursos verdadeiros devem assumir para possibilitarem ao sujeito uma veracidade de seus comportamentos, uma matriz de condutas. Ademais é a estrutura na qual a verdade dos discursos do sujeito se ancoram nos seus comportamentos. É o artifício que vincula o *ethos* e o *logos*; melhor, é o elemento que transforma a significação discursiva do *logos* nas atitudes concretas do *ethos* do sujeito.

A *áskesis* é o que permite que o dizer-verdadeiro endereçado ao sujeito, dizer verdadeiro que o sujeito endereça também a si mesmo – constitua-se como maneira de ser do sujeito. A *áskesis* faz do dizer-verdadeiro um modo de ser do sujeito. Creio ser esta a definição que podemos obter, que podemos enfim estabelecer quanto ao tema geral da *áskesis* (FOUCAULT., 2004, p. 395).

Outro conceito reconhecido é a *parresia*<sup>3</sup>, que por sua vez, surge no escopo das obras de Foucault como um conceito determinante, coroando o arcabouço definitivo do seu pensamento crítico acerca da subjetividade.

Este conceito é introduzido em *A Hermenêutica do Sujeito*. Nesta obra a *parresia* aparecerá nas duas aulas ministradas em 10 de março de 1982 e já se mostra importante e o é por dois motivos. O primeiro é porque foi amplamente desenvolvido nos cursos ministrados posteriormente,

---

<sup>2</sup> Este conceito tem importância gradual em Foucault, uma vez que é a partir dele que ele fará a diferença entre o que ele chama de ascese filosófica e ascese cristã, que ocupa boa parte de seus estudos. Deixamos claro, contudo, que não nos é eminente, para os fins deste artigo tal diferencial postulado por Foucault e a noção posterior que é dada a tal conceito. A nossa intenção é apenas a de vincular a estes dois conceitos mencionados no texto, o ideal da coragem da verdade e das formas de vida erigidas a partir do dizer verdadeiro.

<sup>3</sup> Foucault em *A Hermenêutica do Sujeito* se dirige ao tema da *parresiae* discorre sobre este conceito nas filosofias variadas dos séculos I e II. Dentre esses filósofos escolhidos por Foucault e presentes na sua obra estão Filodemo, Marcos Aurélio, Galeno e Sêneca, dentro outros (FOUCAULT, 2004).

principalmente, nos anos de 1983-1984 que foram os últimos; e segundo, porque este conceito será usado para justificar a política que Foucault desenvolveu nos últimos dias de sua vida. A *parresia* constitui para este filósofo francês uma das, ou até a mais apurada técnica de si que, por sua vez, está imbricada à cultura do cuidado de si que se completa no cuidado dos outros.

Grande parte do ano de 1983, Foucault dedicou à análise desse conceito na vertente política. Em 1984 ele aprofunda esta análise. Na cultura grega de onde emergiu, a *parresia* significa o dizer a verdade, pressupondo sempre a exposição pública do que era dito e de quem disse.

Era um conceito usado inicialmente para fins políticos, o que ratificava a esfera do cuidado dos outros que está sempre ligado ao *epimeleiaheautou*. “A coragem da verdade havia sido determinada então como o que torna efetivo e autêntico o jogo democrático” (GROS, 2011, p. 305).

Podemos, desta forma, elencar três formas de explicar a *parresia* na Antiguidade. Um primeiro modo é analisado a partir do epicurismo, no qual esse dizer a verdade se configura com caráter fisiológico; como um médico que conhece a natureza que define a relação entre médico e paciente; o dizer do médico *parresiasta* é o dizer sobre as verdades da natureza, que possibilitem ao paciente uma mudança do modo de ser que lhe restaure a saúde.

O termo *parresia* refere-se, ao meu ver, de um lado à qualidade moral, à atitude moral, ao *ethos*, se quisermos, e de outro, ao procedimento técnico, à *tekhne*, que são necessários, indispensáveis para transmitir o discurso verdadeiro a quem dele precisa para constituição de si mesmo como sujeito de soberania sobre si mesmo e sujeito de veridicção de si para si (FOUCAULT, 2004, p. 450).

Em segundo lugar o termo se refere à relação entre o mestre e seus discípulos. A *parresia* assume o papel de atitude do mestre que deve corresponder ao silêncio do discípulo que acredita no dizer de seu mestre. “Neste marco a *parresia* se refere tanto à atitude moral, ao *ethos*, do mestre, do diretor de consciência, quanto à técnica necessária para transmitir os discursos verdadeiros” (CASTRO, 2009, p. 316-317). O ícone desta forma de dizer verdadeiro e, também, considerado o *parresiasta* por excelência, é Sócrates.

## O Dizer Verdadeiro e o Sujeito

Um dizer verdadeiro, ou um *franco-falar* que pode se refletir no *ethos* do sujeito, encontraram na História Antiga dois oponentes, um de caráter moral e o outro de dimensão técnica, a saber, respectivamente, a adulação e a retórica.

A adulação fica mais bem explicada, em sua oposição, quando atrelada a outro vício comum que é a cólera. A cólera é uma situação onde alguém, por arrebatamento violento e incontrolado, se dirige para um outro e como se tivesse direitos, exerce poder sobre este de forma abusiva. A adulação, por sua vez, tem os mesmos efeitos no que tange a economia das relações, mas se produz de forma inversa à cólera.

Se a cólera é, pois o abuso do poder pelo superior em relação ao inferior, compreendemos bem que a lisonja será, para o inferior, uma maneira de ganhar este poder maior que se encontra no superior, ganhar seus favores, sua benevolência, etc. [...] ele fala e é falando que o inferior pode, alcançando de certo modo, o poder maior do superior, conseguir dele obter o que quer. Mas, servindo-se assim da superioridade do superior ele a reforça (FOUCAULT, 2004, p. 454).

A retórica se distancia e refuta o *franco-falar* a partir de três grandes diferenças que existem entre elas. A primeira é a realidade sofisticada, em que o discurso não visa à verdade, mas apenas a persuasão. A segunda diferença está na dicotomia que há entre as regras que existem em ambas;

[...] a retórica é uma arte organizada segundo procedimentos regrados. Quanto à *parresia*, alguns autores sustentam que não é uma arte (Sêneca) e outros, o contrário (Filodemo de Gátara). Em todo caso, as regras da *parresia* são diferentes das regras da retórica; trata-se antes, de regras de prudência, de habilidade para saber como e, sobretudo, quando falar para que o discípulo receba o discurso verdadeiro na melhor ocasião (CASTRO, 2009, p. 317).

A terceira diferença existente entre a retórica e o franco-falar diz respeito à finalidade delas. A meta da retórica é simplesmente influenciar os que ouvem um discurso a voltarem-se àquele que fala; é chamar a atenção para aquilo que se diz; é palavra de condução ao que é dito. A *parresia*, por seu turno, instiga ao que dirige a palavra que se dirija de forma a estimular ao que escuta, uma relação plena e soberana sobre si mesmo.

Entretanto no último curso, intitulado de *A Coragem de verdade* (2011), Foucault, depois de levantada uma vasta compilação de dados e realizado um estudo profícuo do *conceito de si* na Antiguidade, se volta de modo complexo e determinante à *parresia*, fazendo dela o eixo fundamental e a centralidade de toda a sua produção sobre o sujeito, quando ele atesta uma possibilidade para o sujeito ético em detrimento do sujeito moderno.

No curso de 1984 no *Collège de France*, percebe-se nas aulas uma tonalidade de despedidas vindas das palavras do filósofo francês. As aulas que deveriam começar no início de janeiro e acaba tendo seu início em 01 de fevereiro. O motivo do atraso apontava para sua saúde debilitada, o que é confirmado quando em julho daquele mesmo ano chega a óbito. Tal situação nos faz acreditar que, de certa forma, Foucault foi instigado a buscar ali no sujeito e sua relação com a verdade, o que poderíamos aferir como a totalidade e ápice do seu pensamento.

Sua morte em julho seguinte lança sobre esse curso uma luz um tanto particular, sendo evidentemente uma tentação ler nela algo como um testamento filosófico. Aliás, o curso se presta a isso, pois, retornando com Sócrates às raízes da filosofia, Foucault decide escrever aí a totalidade de sua obra crítica (GROS, 2011, p. 303).

Levada em consideração tal tônica, o último Foucault adentra na esfera política e afirma o conceito de *parresia* como constituinte do regime democrático grego. “A coragem da verdade tem sido determinada então como o que torna efetivo e autêntico o jogo democrático” (GROS, 2011, p. 305).

A questão se volta para o falar verdadeiro e tal fala estava implicada na ação moral do governante que sempre concorria para a exposição. Em outras palavras, sobre o governante e sobre a verdade por ele dita, afirma-se que tanto a verdade dita, quanto o governante que a disse, ambos estarão sujeitos, de forma imprescindível, à exposição pública.

## O Sujeito Moral

A partir da política normativa dos gregos, que ratifica uma política que se centra e se apoia na conduta, ou melhor, nas condutas, posturas e atitudes morais do governante é que Foucault trará luz ao que ele chama de diferenciação ética<sup>4</sup>. Apesar dos gregos serem a fonte intelectual no que tange as práticas e cuidado de si, na dimensão política que Foucault procura delinear em 1984 ele aponta que esta forma não expressa, definitivamente, o que devemos entender por *parresia*, no que tange a sua configuração final para os sujeitos.

Foucault afirma que este *dizer-verdadeiro*, que se volta para o falar verdadeiro do governante ou para uma classe aristocrática, não se configura na diferenciação ética que, por sua vez, afirma uma negação desta lógica da minoria para abarcar numa verdade que esteja pautada na diferença, ou na opinião, o que possibilita a passagem da *parresia* de uma dimensão aristocrática ou monárquica para a dimensão da *politeia*<sup>5</sup>, em que um grande

---

<sup>4</sup> O dizer-verdadeiro, a pretensão de verdade enunciada em uma assembléia [...] pressupõe uma força, uma potência, uma ação sobre si (ter coragem de correr o risco de dizer o verdadeiro) e uma ação sobre os outros para lhes persuadir, guiar, dirigir suas condutas. É nesse sentido que Foucault fala da diferenciação ética, de um processo de singularização desencadeado e aberto pela enunciação *parresiastica* (BRANCO; VEIGA-NETO, 2011, p. 303).

<sup>5</sup> Nos dois últimos cursos, Foucault mostra que a *parresia* (o dizer verdadeiro), a *politeia* (a constituição que garante a igualdade de todos os homens que detém a cidadania) e a *isegoria* (o direito estatutário que todos têm de falar, não importando status social, privilégios de nascença, riqueza ou saber) estabelecem entre si relações paradoxais. Para que a *parresia* possa existir, para que o dizer verdadeiro possa ser exercido, é necessário, ao mesmo tempo, a *politeia* (constituição) e a *isegoria* que afirmam que todos podem tomar a palavra publicamente e dar sua opinião sobre os problemas da cidade. Mas nem a *politeia*, nem a *isegoria* vão dizer quem vai realmente falar, quem vai realmente, quem vai efetivamente enunciar uma pretensão de verdade. Todos têm o direito à palavra, mas não é a distribuição igualitária do direito à palavra que faz falar efetivamente (Ibid., p. 302).

número de sujeitos seria capaz de verdades e se colocariam na conjuntura de diferença de uma verdade que parece ser absoluta.

Mas a intervenção de Foucault é capital na medida em que mostra que essa diferenciação ética não designa de fato a qualidade moral de um dirigente, nem mesmo a singularidade de uma estilização da existência que distinguiria um indivíduo excepcional da massa anônima. Ela supõe antes fazer intervir antes na relação consigo a diferença da verdade, ou antes, até a verdade como diferença, como instância aberta para a opinião e as certezas compartilhadas. Donde a fragilidade estrutural da democracia, porque, se é possível pensar que um indivíduo ou um pequeno grupo é capaz de conseguir realizar sobre si mesmo esse trabalho diferenciador, parece improvável para todo um povo. Resta que a diferença ética, que permite fazer existir a melhor politeia, não passa do efeito, num sujeito, da diferença da própria verdade (BRANCO; VEIGA-NETO, 2011, p. 305).

A *parresia*, sobre esta égide, pressupõe a *aleurgia*, “que seria, etimologicamente, a produção da verdade, o ato pela qual a verdade se manifesta” (FOUCAULT, 2011, p. 4). Afirmará nosso filósofo que durante a Antiguidade houve um jogo de práticas que eram constitutivas do modo de ser, dos modos de subjetivação dos gregos. Acerca desta realidade, Foucault trará à luz uma questão que se mostra latente dentro da desenvoltura do *franco-falar* e, conseqüentemente, das formas do dizer verdadeiro dos cidadãos, que pressupõem aquilo que é diferente deles, que é sempre voltado ao outro e à Cidade, impreterivelmente.

Ademais, a *parresia* pode ser vista sobre dois aspectos. Um primeiro modo é pejorativo e se refere ao dizer tudo “qualquer coisa que passe pela cabeça, qualquer coisa que possa ser útil à causa que se defenda, qualquer coisa que possa servir à paixão ou ao interesse que anima quem fala” (Ibid., p. 10). A quem podemos chamar de *parresiasta* nessa dimensão é aquele que não para de falar, aquele que chega a falar sem medir conseqüências, que não se contém e desabilita seu discurso, portanto, de uma racionalidade possível que abarque a verdade real.

No concernente ao segundo aspecto da *parresia*, vê-se nela uma dimensão positiva: “a *parresia* consiste em dizer a verdade, sem dissimulação, sem reserva nem cláusula de estilo, nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascarar-la (FOUCAULT, 2011, p. 11). Dizer a verdade, ou melhor, dizer tudo nestas condições significa mais do que dizer tudo, dizer a verdade, sem dela nada esconder, ou melhor, a verdade dita se referencia não na própria ação do dizer tudo, mas do dizer a verdade, de forma que tudo se torne realmente verdadeiro naquele sujeito.

O *parresiasta* se mostra agora, positivamente, como aquele que dá sua opinião, que diz a verdade e sobre esta verdade atesta sua condição. Não é dizer tudo, mas no momento que fala, se tornar responsável pelo dito e se pauta, de forma total e incontestável, na verdade do discurso. Sendo assim se chega à conclusão que para se confirmar o que é o dizer-ver-

dadeiro e quem é o verdadeiro *parresiasta* é preciso entender a coragem da verdade.

Em suma, para que haja *parresia*, é preciso que, no ato de verdade, haja: primeiro, manifestação de um vínculo fundamental entre a verdade dita e o pensamento de quem o disse; [segundo], questionamento do vínculo entre os dois interlocutores (o que diz a verdade e aquele a quem essa verdade é endereçada). De onde essa nova característica da *parresia*: ela implica uma certa forma de coragem, coragem cuja forma mínima consiste em que o *parresiasta* sempre corre o risco de minar essa relação que é a condição de possibilidade do seu discurso (Ibid., p. 12).

A *parresia* se revela, desta forma, em oposição clara à retórica que regia a política greco-clássica. A retórica se dirige ao dizer tudo, mas nesse dizer não se instala a verdade de quem pronuncia e muito menos de quem ouve; o que para Foucault desautorizaria o jogo parresiástico. Para Foucault, tal jogo deve gerir as práticas e as técnicas que determinam e focalizam os sujeitos nos seus si mesmos e pressupõe que cada sujeito tenha a coragem da verdade, no sentido que todo dizer verdadeiro é ação a ser cumprida, é ato a ser corroborado na vida pública.

### ***A Parresia e as Verdades do Sujeito***

O franco-falar que se dirigia à verdade do cuidado de si e dos outros, na esfera política da cidade, permanece na referência ao governo de si, sempre pautado na maestria de Sócrates, como o *parresiasta* por excelência. Afirma Frédéric Gros, (2004, p. 160): “Sócrates é aquele que articula a exigência da *parresia* com o tema do cuidado de si e das técnicas da existência”. O cuidado de si, sempre se volta ao cuidado dos outros, ao cuidado da cidade.

Foucault afirma que o deslocamento da *parresia* do ‘domínio político’ não é menos útil para a cidade. Ao incitar-nos a que nos ocupemos de nós mesmos, torno útil para toda cidade. E se eu projeto minha vida é justamente no interesse da cidade (BRANCO; VEIGA-NETO, 2011, p. 315).

No *Laques* (1991), também estudado por Foucault, ao contrário do *Alcibíades*, se revela um *franco-falar* que não se dirige à alma, mas um dizer verdadeiro que se volta à verdade do sujeito, no que se refere à *bios*. Aqui, o cuidado de si não consiste no que lhe diz respeito a uma verdade sobre a alma, mas a uma verdade sobre a existência concreta, como arte a ser erigida e que se concretiza no dizer-verdadeiro.

Seguindo sua pesquisa, Foucault culminará na análise da *parresia* dos cínicos e a forma como esse dizer-verdadeiro se configura, reciprocamente, em estilo de vida e forma de veridicção. Foucault delimita três grandes funções do modo de vida cínico, em sua relação com a *parresia*, a saber: o instrumental, que se realiza no risco do que esse diz e no desapego

do que se fala; uma segunda função é dita pela redução, que consiste em fazer desaparecer da existência tudo aquilo que é inútil e infundado; por fim, a provação, que constitui a vida que revela sua verdade, a partir do que há de mais fundamental na existência.

Este ponto se iluminará quando entendermos que a verdade para os cínicos, em sua relação com o sujeito se dá pelo abrupto desvelamento, pela nudez completa, que engendra a verdade de uma vida que é, no seu cerne, polêmica e escândalo.

Não se trata de regular a própria vida segundo um discurso e de ter, por exemplo, um comportamento justo defendendo a própria ideia de justiça, mas de tornar diretamente legível no corpo a presença explosiva e selvagem de uma verdade nua, de fazer da própria existência o teatro provocador do escândalo da verdade (GROS, 2004, p. 163).

A partir desta elucidação cínica e comparando à ética estoica, Foucault aferirá duas formas de verdade, que foram constituídas na história. Uma primeira considera uma regra da correspondência entre o dito e o feito em relação à vida, que permitisse ver na existência uma ordem que fosse embasada em princípios verdadeiros.

A outra forma, a dos cínicos, é contrária. Se na estoica a vida põe a verdade à prova, na cínica, a vida é posta à prova, pela verdade: “trata-se de ver até que ponto as verdades suportam ser vividas e de fazer da existência o ponto de manifestação intolerável da verdade” (GROS, 2004, p. 105). Realidades que na esteira da história se configuram como verdades para sujeitos reais. Verdades que determinaram subjetividades.

Verdades que, engendradas nas práticas do cuidado de si e pela *parresia*, que as constituem, não podem ser negadas para um sujeito, da mesma forma como não pode ser negado o sujeito na obra Foucaultiana.

Uma verdade absoluta para um sujeito do conhecimento realmente não há. Tudo o que Foucault escreveu concorre para esta afirmação, ou seja, é complicado pensar a verdade do sujeito num contexto absoluto e dogmático. O que buscamos elucidar é que, ao constatar como se deu a relação entre a verdade e o sujeito na antiguidade, para sujeitos reais, que cuidavam de si, não se postulou uma verdade, mas verdades reais que eram manifestas e constituintes desses mesmos sujeitos, verdades essas que eram da ordem da diferença; que se tornavam legítimas, unicamente na diferença e na alteridade.

## Conclusão

O que há de mais importante para ser destacado neste último Foucault é a sua capacidade de, em meios a tantas obras e tantas temáticas levantadas, apontar de forma radical, mesmo que intertextual, uma única questão: o sujeito e sua relação com a verdade. Ao pensar no sujeito do conhecimento com a sua ratificação transcendental, o que Foucault pre-

tendia e nós buscamos elucidar é reconhecer um estatuto para o sujeito de verdades a partir de sua condição de existência.

A partir do cuidado de si e dos outros, e da coragem da verdade que se garante sempre na diferença, na alteridade, Foucault nos mostra que para o sujeito do cuidado é possível elucidar um estatuto e sua relação com a verdade, desde que seja clara que esta verdade sempre é plural.

Ao retornar aos gregos, o filósofo francês nos apresenta práticas de si, técnicas que perpassavam toda a vida dos cidadãos e que lhes instigava modos de subjetivação que, por sua vez, possibilitavam uma relação com a verdade de si e que desembocava na vida da cidade. Essa verdade é a do *si* mesmo que se faz, concomitantemente, no outro. É a verdade postulada pela *parresia* que instiga, pelo dizer verdadeiro, a verdade da existência de cada sujeito e que encontra no outro a possibilidade dessas verdades que o constituirão.

Verdades como são constatadas nos cínicos e nos estoícos, dentro da linha de pensamento do último Foucault. No seu último curso nosso filósofo afirma possibilidades de verdades para o sujeito do cuidado de si e do cuidado dos outros; o sujeito da *parresia*.

Verdade daquele que diz e verdade, concomitantemente, daquele que a ouve; verdades no jogo da alteridade. Relação de alteridade que engendra e determina, de uma vez por todas, o que Foucault desejava postular, em meio a sua negação de uma verdade para o sujeito do conhecimento: a possibilidade de um estatuto para o sujeito e sua relação intrínseca e constituinte com as verdades que o realizam e o constituem, bem como pelo discurso verdadeiro, como possibilidade de condição de uma existência autêntica.

Compreende-se porque, quando havia coligido os diferentes ‘significados’ ou ‘valores’ da verdade, Foucault, depois de estabelecer os temas do não oculto, do puro, do reto e do soberano, abandona-o riscando no manuscrito, o tema do ‘idêntico’, ou do ‘mesmo’ que havia consignado como um dos grandes significados tradicionais da verdade – que se encontra no cerne de nossa cultura filosófica. Mas ele pretende precisamente salientar, em 1984, que a marca do verdadeiro [do sujeito]<sup>6</sup> é a alteridade: o que faz a diferença no mundo e as opiniões do homens, o que obriga a transformar o seu modo de ser, aquilo cuja diferença abre a perspectiva de um mundo outro a construir, a sonhar (GROS, 2011, p. 316).

## Referências

BRANCO, Guilherme C.; VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault**: filosofia e política. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus

---

<sup>6</sup> Grifo nosso.

temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FLORENCE, Maurice. Foucault. In: MOTTA, Manoel B. da (Org.). Ética, sexualidade, política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 234-239. (Coleção Ditos e Escritos IV).

FONSECA, Marcio Alves Da. Para pensar o público e o privado: Foucault e o tema da arte de governar. In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Educ, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. O cuidado com a verdade. In: MOTTA, Manoel B. da (Org.). Ética, sexualidade, política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 240-251. (Coleção Ditos e Escritos V).

\_\_\_\_\_. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: MOTTA, Manoel B. da (Org.). Ética, sexualidade, política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 192-217. (Coleção Ditos e Escritos V).

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GROS, Frédéric. **Situação do Curso**. In: FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Situação do Curso**. In: FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Situação do Curso**. In: FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *A parresia em Foucault*. In: GROS, Frédéric (ORG.). **Foucault: a coragem da Verdade**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 155-166.

\_\_\_\_\_. **Introdução**. In: GROS, Frédéric (ORG.). **Foucault: a coragem da Verdade**. São Paulo: Parábola, 2004.

MUCHAIL, Salma. Da promessa à embriaguez: a propósito da leitura foucaultiana do Alcibíades de Platão. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO (ORG.), Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PLATÃO. Alcibíades: ou da natureza humana. In: BINI, Edson (Org.). **Platão: diálogos suspeitos e apócrifos**. Bauru: EDIPRO, 2011.

\_\_\_\_\_. *Laques*. In: (ORG.) PESSANHA, José Américo Motta. **Platão: seleção de textos**. 5. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991. (Coleção Os pensadores). Disponível em: <[http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/platao\\_colecao\\_os\\_pensadores.pdf](http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/platao_colecao_os_pensadores.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2013.

PRADEAU, Jean-François. O sujeito antigo de uma ética moderna: acerca dos exercícios espirituais antigos na história da sexualidade de Michel Foucault. *In*: GROS, Frédéric (Org.). **Foucault**: a coragem da Verdade. São Paulo: Parábola, 2004.p. 131-153.